



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

NOVAS FORMAS DE EDUCAR: A HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO EM INTERFACE COM A HISTÓRIA LOCAL

Wellerson Almeida de Sousa¹
Universidade Estadual da Paraíba
Wellersonalmeida7@gmail.com
Patrícia Cristina Araújo Aragão²
Universidade estadual da Paraíba
Cristina-aragao21@hotmail.com

Introdução

Mesmo presente em tudo a história, as vezes, não é interessante, pois não oferece uma aproximação com a vida dos educandos, não oferece se for ensinada de forma tradicional, porém a história local pode preencher, em certo sentido, essa falta de atratividade.

Mas o que pode ser entendido como História Local? “Denominaremos história local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média [...]” (GOUBERT apud DONNER, 2012, p. 224). Não de uma grande cidade, mas tal tipo de história refere-se ao espaço mais restrito. Ainda segundo Donner (2012) ela faz parte da construção identitária daquele grupo, por isso a importância para as crianças, pois elas se identificam a partir dos relatos orais das pessoas ligadas a elas. Outra característica deste modelo de história, é que não é dada atenção aos grandes fatos ou grandes nomes. Talvez um fato histórico de importância possa ser trabalhado, porém tal trabalho se dá lançando um olhar para o micro, ou melhor, como aquele espaço restrito recepcionou aquele fato. Geralmente o cotidiano é enfatizado entendendo como se deu a formação daquele espaço geográfico e social. “[...] ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional” (BARROS, 2014, p.15).

¹Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Voluntário do PIBIC/CNPQ.

²Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba. Orientadora do PIBIC.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Em síntese, este trabalho tem por objetivo mostrar o quanto os relatos sobre as práticas educativas de uma dada região rural a partir da memória de professoras aposentadas, podem ser úteis para se realizar um ensino de história local que possa ser relevante para os alunos. Trabalhar a história de um município ou comunidade pode ser algo muito abrangente, por isso esse recorte para a história das práticas educativas. Veremos melhor mais a frente.

Metodologia

Para a presente pesquisa foi efetuada a metodologia da história oral. Não apenas uma técnica, a entrevista oral possibilita ao pesquisador analisar aquilo que se passou a partir da visão do entrevistado, porém este passado deve ser criticado porque não é possível “resgatar” o passado tal qual foi. Logo, a história oral não se constitui um fim em si mesma, mas deve estar atrelada a um projeto em que através desta metodologia possa se chegar às conclusões (ALBERTI, 2005).

Assim, a partir de um tema escolhido: história das práticas educativas no município de Cabaceiras, os relatos são coletados para a partir deles ser realizado uma discussão sobre a importância da história local.

O trabalho feito com a história oral se dá a partir da memória do entrevistado, por isso é importante ressaltar o fato de que o mesmo evento ou as mesmas práticas cotidianas podem ser lembrados de forma diferente, por diferentes pessoas. Não significa que estejam “mentindo”. “[...] histórias pessoais podem modificar a recordação de um mesmo evento [...]” (VELÔSO, 2005, p.25).

Por isso a História, seja qual for o recorte, não traz a Verdade absoluta, mas uma versão ou representação do passado. O método da história oral trabalha com a representação, pois ao narrarem, esses entrevistados, inserem elementos subjetivos em sua fala. (VELÔSO, 2005). Tal método pode ser rico, pois uma relação dialética surge com o entrevistado, fazendo surgir novos aprendizados.

Resultados e discussão

Através dos relatos coletados com entrevistas feitas a duas professoras aposentadas, foi visto que suas histórias são ricas em fatos interessantes que



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

mostram o quanto tais relatos poderiam ser bem usados em uma aula de história.

Amélia Almeida Gouveia, nascida em 1928, foi professora do ensino primário da zona rural de Cabaceiras-PB. Ela se tornou professora, escolhida pelo prefeito, chegando a ensinar trinta anos no campo

Era assim: eu comecei a ensinar da primeira série até a quarta série, era muito aluno, eu matriculei para ensinar 57 alunos, eu sozinha, trabalhava muito né? [...] é eu trabalhava tanto que tinha hora que eu quase parava de falar, aí eu não botava pra os alunos não notar. (AMÉLIA ALMEIDA GOUVEIA, 2014).

A sala de aula era multiseriada, com alunos de diferentes idades, crianças e adolescentes, todos na mesma classe. Manter a ordem não era tarefa fácil. Outra dificuldade era o desconforto da escola:

Num tinha quase acento, eu botei um coxo pra o povo sentar. Não tinha nem quadro, quadro negro não tinha, aí papai fez um quadro, tão liso, não pegava giz, era muito desconfortável, muito, mas mesmo assim eu ensinava. Era tudo a pé, não tinha transporte, os meninos iam e aprendiam sempre (AMÉLIA ALMEIDA GOUVEIA, 2014)!

Outra professora que ensinou por muito tempo, foi Josefa Pereira Duarte Macêdo, de 80 anos. Segundo ela só em 1959 foi construído um pequeno grupo escolar na comunidade de Ribeira, do município citado a cima. Segundo a mesma, as crianças não tinham livro didático e continua: “Trazia um lápis e um caderninho daquelas folhas de papel que faz prova aí os pais em casa que fazia um caderninho costurava e eles traziam pra escola” (JOSEFA PEREIRA DUARTE MACÊDO, 2014).

Ao ser perguntada sobre o comportamento das crianças, a professora aposentada afirma: “Não dava muito trabalho não, vieram dar muito trabalho no tempo que vieram ter aula aqui. Depois que fez esse colégio aqui era três salas de aula: três professoras de manhã e duas a tarde” (JOSEFA PEREIRA DUARTE MACÊDO, 2014). É interessante notar o fato de que esta professora nunca fez nenhum tipo de curso. Sua escolaridade vai até a 4ª série e com vinte anos de idade ela foi escolhida para dar aulas na escola da comunidade de Ribeira, sendo indicada ao governador da Paraíba para assumir uma sala de aula na região.

Fica claro o quanto o ensino neste recorte 1960-1990 era precário. Ambas reconhecem isso.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Historicamente a educação das camadas populares no Brasil sempre apresentou problemas, entre eles as dificuldades de acesso, a baixa qualidade do ensino oferecido, a precária formação dos professores, os elevados índices de evasão e repetência, os baixos índices de remuneração, entre outros. No entanto estes sempre foram maiores nas escolas do campo, pois durante muito tempo o modelo educacional implantado foi excludente, baseava-se na implementação de políticas compensatórias e programas emergenciais com o objetivo de amenizar as diferenças. (ARAÚJO, 2012, p. 104).

Como vimos a cima, não havia estrutura e nem um preparo para o docente. Essa pesquisa é um exemplo de como as informações de pessoas idosas de uma região podem ser ricas em informações, no sentido de que o professor pode realizar em sua aula alguns movimentos como o de comparar a realidade escolar ontem e hoje; contextualizar o ensino daquele período com fatos que aconteciam pelo mundo, mas que não tinham repercussões nestas pequenas comunidades rurais.

Atualmente são muitas as críticas ao currículo (não cabe aqui enfatizar tais trabalhos), tais críticas devem ser realizadas pelos próprios professores em sua prática docente. Sair de dentro dos muros da escola e buscar ver como se deu as mudanças e permanências no meio geográfico, e ouvir pessoas com histórias para contar - que no caso deste trabalho foram professoras aposentadas – podem ser significativas para que os alunos possam entender que é possível e mais prazeroso, aprender história partindo do local, para o mais global.

Considerações finais

Este trabalho é uma proposta de ensino. Proposta feita através da pesquisa em História Oral. Concluímos com esta pesquisa que os relatos de professoras aposentadas de uma dada localidade podem ser curiosos e interessantes. Estes fatos são mais atrativos para os alunos quando eles vivem nesta localidade. O mais importante é o fato de eles aprenderem que o conhecimento histórico, não é apenas as aulas monótonas de uma escola, mas que a história está mais ligada a eles do que parece.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

ARAUJO, Maria Madalena Mota. **Memória e formação de professores do campo:**

história de vida de alunos da '*Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento do Territorial do Semiárido Brasileiro*' da UFRB (Turma I- 2011-2012). In: Entrelaçando: Revista Eletrônica de culturas e educação. 6. 2012, p. 102-115.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de história, memória e história local.** Disponível em

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf Acesso em 19 de outubro de 2014.

DONNER, Sandra Cristina. **História Local:** discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. In. XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: história, memória, patrimônio. Anais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012, p. 223-235.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. SILVA, Lucilene Nunes. **Os desafios para a construção de uma história local- o caso de Leopoldina, zona da mata de Minas Gerais.** Disponível em

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sv/article/view/16310>

VELÔSO, Thelma Maria Grisi. **Pesquisando fontes orais em busca da subjetividade.** In: VELÔSO, T. M. G. WHITAKER, D. C. A. (org.) Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória. Campina Grande: EDUEP, 2005.